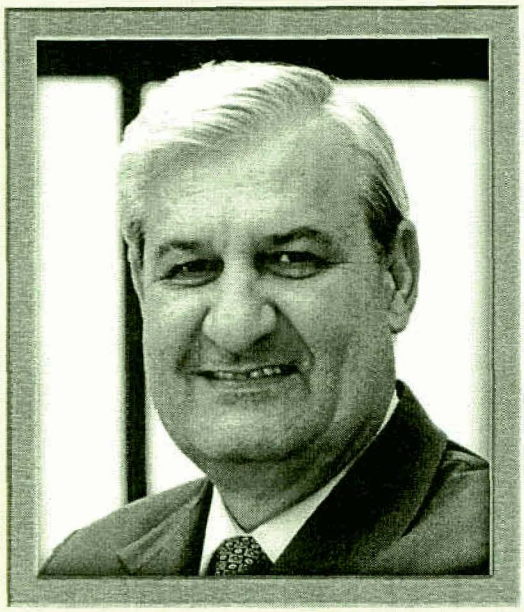
Máquinas e implementos agrícolas

Engatando a primeira

Com o novo quadro cambial, resgata-se a competitividade oculta pelo real sobrevalorizado



Pérsio Pastre
Diretor de Relações Externas da Fiat Allis New Holland

"As dificuldades da agricultura brasileira não permitem que seu desenvolvimento seja compatível com a sua potencialidade econômica, abaixo de sua total capacidade, sem obter toda riqueza e geração de bem social que a natureza oferece.

Com o novo quadro cambial, resgata-se a capacidade de competir que esteve pressionada nos últimos anos pelo real sobrevalorizado, já não bastassem os subsídios recebidos pela concorrência no exterior.

Assim, o negócio agrícola recupera atratividade, melhora a perspectiva de renda e de crédito e o investimento na mecanização tem o seu represamento afrouxado.

É preciso, no entanto, que a agricultura seja orientada, motivada e gerenciada para metas efetivamente agressivas. Aqui reside o risco da ilusória fascinação pelo momento atual. Não podemos nos acomodar a um câmbio que não será perene. Devemos usar o *status quo* como base para buscar novos patamares de operação, que só serão duradouros se houver investimento em infra-estrutura, logística, tecnologia e negociações internacionais.

As vendas domésticas de tratores e colheitadeiras no primeiro semestre de 1998 cresceram 33% sobre o mesmo período em 1997; essa evolução reduziu-se para apenas 1,6%, quando comparados os dois segundos semestres. A projeção feita no fim do ano passado para 1999 é de algo em torno de -10%.

Agora, ainda que seja prematuro fixar um número, acreditamos que as vendas internas evoluirão positivamente e o crescimento poderá alcançar dois dígitos. Várias ações precisam ser implementadas na facilitação do investimento agrícola. A nossa frota está obsoleta. O nosso campo é campeão em desperdício de tempo, combustível e produtos agrícolas.

As exportações de máquinas agrícolas automotrizes superaram, em 1998, pelo segundo ano consecutivo, os US$700 milhões. Os líderes mundiais estão instalados aqui. As montadoras e os fornecedores de autopeças estão produzindo apenas 50% de sua capacidade. O Brasil tem credenciais para se tornar o maior fabricante mundial neste ramo."

Cooperativismo agropecuário

Recuperando a competitividade

Houve mais benefícios que prejuízos para o cooperativismo na recente desvalorização cambial

Amilcar Gramacho
Superintendente da OCB

"Levando em conta apenas o resultado da liberalização, que acredito todos estejamos traduzindo como desvalorização do real na faixa de 25% a 30%, entendo que os efeitos positivos serão maiores do que os negativos, pelo menos do ponto de vista do cooperativismo agropecuário. O setor deverá recuperar boa parte da competitividade perdida nos últimos 10 anos, período em que enfrentamos não apenas o peso da moeda sobrevalorizada mas também a redução

indiscriminada e mal negociada das barreiras alfandegárias, altas taxas de juros e desmonte das políticas internas de apoio à agricultura entre outros.

O lado negativo fica por conta da insegurança sobre como e quando o mercado de câmbio conseguirá alcançar um novo ponto de equilíbrio estável após a liberalização. Se o ajuste convergir com rapidez, o custo poderá ser menor pela minimização dos impactos inflacionários. Mas se o *overshooting* for longo, será inevitável a contaminação do sistema de preços, desajustes de contratos, tendências de indexação – enfim, todos os problemas com os quais nos defrontamos na maior parte desta metade de século.

Temos oportunidade agora de recuperar importantes parcelas dos mercados internos de produtos capazes de absorver expressivo contingente de mão-de-obra.

O que mudou

Temos oportunidade agora de recuperar importantes parcelas dos mercados internos de trigo, arroz, algodão, leite, frutas, pescado e outros, capazes de absorver expressivo contingente de mão-de-obra.

Não menos importantes devem ser os benefícios nos setores ligados à produção de exportáveis. Apesar das dificuldades, os agricultores brasileiros perseguiram intensamente absorver tecnologias que lhes permitissem manter sua presença nos mercados internacionais. Os esforços do governo para reduzir o custo Brasil e a desoneração tributária das exportações pela Lei Kandir podem agora impulsionar as nossas exportações de soja, café, açúcar, carnes etc.

Além de tudo, são setores onde o cooperativismo tem enorme tradição nas tarefas de organizar os produtores e apropriar ganhos de escala operacional na compra de insumos, no beneficiamento, na comercialização interna e na exportação.

Bom para as exportações

A liberalização cambial reduz custos e eleva os preços agrícolas em reais para os produtores



José Aroldo Gallassini
Presidente da Coamo

A liberalização cambial recém-promovida teve reflexos positivos sobre o setor cooperativista, como a melhoria da competitividade dos produtos para exportação; redução dos custos para exportação e elevação dos preços agrícolas em reais para os produtores.

Os efeitos negativos da medida foram o aumento dos custos das matérias-primas importadas; dos custos financeiros; a elevação dos custos dos insumos em reais, com conseqüente aumento do custo da produção, e instabilidade da taxa cambial (grandes oscilações diárias).

O impacto sobre as perspectivas anteriores para o sucesso dos empreendimentos do setor consiste no aumento da demanda de produtos domésticos (milho, algodão, trigo); redução da importação de produtos agrícolas; elevação dos preços praticados no mercado interno; aumento nos custos financeiros pela elevação das taxas de juros internos e aumento dos custos de produção: desvalorização de 68% (R$2,06 por dólar), gerando um aumento de 41% no custo da soja e 38,5% no do milho; desvalorização de 31% (R$1,60 por dólar), gerando um aumento de 18% no custo da soja e de 17% no do milho.